

O fenómeno de Subida de Clítico à luz de dados não-*standard* do PE

0. Introdução

Este trabalho tem como principal objectivo a reflexão sobre o fenómeno de Subida de Clítico no PE com base na apresentação, descrição e comentário de dados habitualmente não considerados na literatura clássica acerca do tema.

Pensar a Subida de Clítico à luz de nova evidência empírica proporciona, certamente, uma visão mais abrangente da questão, contribuindo para um melhor entendimento das motivações e condições do seu funcionamento.

A integração de dados de variedades não-*standard*, nomeadamente de dados dialectais, nos estudos de sintaxe sobre as línguas naturais tem origem nos trabalhos pioneiros de Benincá, Kayne, Renzi e Vanelli (Benincá e Vanelli 1982, 1984; Kayne 1989; Renzi & Vanelli 1983), que afirmam a Sintaxe Dialectal Comparada como área de investigação. O interesse particular por factos de variação sintáctica dialectal surge no âmbito do interesse generalizado pelos estudos comparativos, manifestado entre os sintacticistas generativistas ao longo dos últimos vinte anos.

Os trabalhos realizados na área da Sintaxe Dialectal Comparada não assumem, pois, uma perspectiva variacionista clássica, centrada em factos de natureza sociológica, mas desenvolvem-se com base nos pressupostos que orientam a investigação em sintaxe generativa desde a formulação original do modelo de Princípios e Parâmetros, no início da década de oitenta. Aquilo que os individualiza é apenas a convicção de que a observação de realidades linguísticas muito próximas – como é o caso das línguas geneticamente afins ou dos dialectos de uma mesma língua – constitui um domínio de trabalho privilegiado na busca de conhecimento sobre a arquitectura dos sistemas gramaticais.

É nesta perspectiva que tenho procurado desenvolver o meu projecto de investigação acerca da sintaxe dos clíticos nos dialectos do PE, de que o presente trabalho é parte integrante.

No cumprimento dos objectivos que comecei por enunciar, organizei o trabalho da seguinte forma: na primeira parte caracterizo sumariamente o fenómeno de Subida de Clítico em PE com base nos dados tradicionalmente apresentados e exponho uma síntese de algumas das análises que marcaram a literatura sobre o tema; na segunda parte descrevo a natureza dos dados que pretendo considerar e faço a apresentação e comentário dos principais aspectos da sintaxe da Subida de Clítico, identificados nos dados observados, que não estão em

conformidade com o que tem sido comumente descrito como o fenómeno da Subida de Clítico em PE e que tem constituído a base de investigação neste domínio; na terceira parte, em conclusão, resumo as propriedades das gramáticas estudadas, referindo os pontos que as distinguem e os que as aproximam da gramática *standard*.

1. O fenómeno de SC em PE *standard*

Em PE, bem como noutras línguas românicas de sujeito nulo (Espanhol, Italiano, Romeno ¹), em domínios não-finitos subcategorizados, um clítico dependente de uma forma verbal não-finita (infinitivo não-flexionado, gerúndio, particípio) pode seleccionar como seu hospedeiro o verbo do domínio superior. Este fenómeno é designado por Subida de Clítico (SC).

Nos domínios não-finitos com formas gerundivas ou participiais, seleccionados por verdadeiros auxiliares, a SC é obrigatória, como mostram, respectivamente, os contrastes em (1) e (2):

- (1) (a) Os trabalhadores tinham seguido **todas as recomendações**.
(b) Os trabalhadores tinham-**nas** seguido.
(c) *Os trabalhadores tinham seguido-**as**.
- (2) (a) Os trabalhadores foram aguentando **as pressões**.
(b) Os trabalhadores foram-**nas** aguentando.
(c) *Os trabalhadores foram aguentando-**as**.

No entanto, em complementos não-finitos com infinitivo não-flexionado, a situação é menos linear: o fenómeno de SC apresenta-se como opcional, obrigatório ou agramatical, conforme os verbos que seleccionam as infinitivas. Estes três casos estão ilustrados, respectivamente, em (3), (4) e (5):

- (3) (a) Os alunos podem entregar **o trabalho** até ao fim do semestre.
(b) Os alunos podem entregá-**lo** até ao fim do semestre.
(c) Os alunos podem-**no** entregar até ao fim do semestre.
- (4) (a) O professor mandou **os alunos** entregar o trabalho até ao fim do semestre.
(b) *O professor mandou entregá-**los/os** entregar o trabalho até ao fim do semestre.
(c) O professor mandou-**os** entregar o trabalho até ao fim do semestre.
- (5) (a) O professor assegurou corrigir **os trabalhos** durante as férias.
(b) O professor assegurou corrigi-**los** durante as férias.
(c) *O professor assegurou-**os** corrigir durante as férias.

¹ O Francês, não sendo uma língua de sujeito nulo, admite SC apenas em certas construções causativas.

Na primeira parte desta secção, farei uma descrição da construção de SC a partir de infinitivas com infinitivo não-flexionado em PE *standard*, tentando sistematizar os contextos que admitem, excluem ou exigem a SC. Em seguida resumirei as principais linhas de análise que têm sido propostas na literatura para o tratamento desta questão, quer em PE *standard*, quer noutras línguas românicas.

1.1. Os dados (PE *standard*)

Os verbos envolvidos em construções de SC, ou seja, os verbos que podem funcionar como hospedeiros de clíticos originariamente associados a verbos infinitivos (daqui em diante, verbos de Subida de Clítico – VSC), pertencem a diferentes classes sintácticas: verbos de elevação, verbos de controlo de sujeito e verbos causativos ou perceptivos.

A SC com verbos de elevação é opcional, ou seja, o clítico associado ao verbo infinitivo pode seleccionar como seu hospedeiro o verbo infinitivo ou o verbo matriz, tal como mostram os exemplos (6), (7) e (8):

- | | | |
|-----|---|------------------------|
| (6) | O João não a vai provavelmente convidar. | (convidá- la) |
| (7) | O João começou- lhe a ensinar russo. | (ensinar- lhe) |
| (8) | O João não a pode certamente convidar. | (convidá- la) |

exemplos retirados/adaptados de Duarte 2003b

A opcionalidade da operação de SC mantém-se quando o verbo matriz é um verbo de controlo de sujeito:

- | | | |
|-----|-----------------------------------|-----------------------|
| (9) | O João quiere- a convidar. | (convidá- la) |
|-----|-----------------------------------|-----------------------|

exemplo retirado/adaptado de Duarte 2003b

No entanto, os verbos pertencentes a estas duas classes, embora apresentem as mesmas propriedades sintácticas e reajam de modo uniforme a diferentes testes sintácticos, não exibem um comportamento uniforme relativamente à SC. Veja-se a agramaticalidade de construções exemplificadas em (10) e (11), com SC a partir de infinitivas seleccionadas pelos verbos *parecer* e *desejar*, pertencentes respectivamente à classe dos verbos de elevação de sujeito e de controlo de sujeito:

- | | | |
|------|-----|--|
| (10) | (a) | Ele parece odiar o irmão . |
| | (b) | *Ele parece- o odiar. |
| (11) | (a) | Ele deseja dar um presente ao irmão . |
| | (b) | *Ele deseja- lhe dar um presente. |
| | (c) | *Ele deseja- o dar ao irmão. |

Com verbos causativos e perceptivos, em construções de "marcação excepcional de Caso" (ECM), a SC é obrigatória ou agramatical, conforme o clítico em causa lexicalize respectivamente o sujeito ou o objecto do verbo infinitivo, tal como mostram os contrastes entre (b) e (c) e entre (d) e (e) em (12):

- (12) (a) O João não mandou/viu **os miúdos** comer **a** sopa.
 (b) O João não **os** mandou/viu comer a sopa.
 (c) *O João não mandou/viu comê-**los** a sopa.
 (d) *O João não **a** mandou/viu os miúdos comer.
 (e) O João não mandou/viu os miúdos comê-**la**.

exemplos retirados/adaptados de Duarte 2003b

Em construções *fazer-INF*, a SC é sempre obrigatória. (13) e (14) são exemplos desta construção com infinitivo intransitivo e transitivo², respectivamente:

- (13) (a) O professor não mandou/viu sair **os alunos**.
 (b) O professor não **os** mandou/viu sair.
 (c) *O professor não mandou/viu saí-**los**.
- (14) (a) O patrão mandou lavar **o chão aos empregados** antes de saírem.
 (b) O patrão mandou-**lhes** lavar o chão antes de saírem.
 (c) *O patrão mandou lavar-**lhes** o chão antes de saírem.
 (d) O patrão mandou-**o** lavar aos empregados antes de saírem.
 (e) *O patrão mandou lavá-**lo** aos empregados antes de saírem.

exemplos retirados/adaptados de Duarte 2003b

No Quadro I apresento uma sistematização dos contextos que admitem, obrigam ou impossibilitam a construção de SC a partir de infinitivas com infinitivo não-flexionado no PE *standard*.

Quadro I: Contextos de Subida de Clítico (PE *standard*)

	Verbos de elevação semiaux. temporais semiaux. aspectuais semiaux. modais	Verbos de controlo de sujeito	Verbos causativos ou perceptivos (em construções ECM)		Verbos causativos ou perceptivos (em construções <i>fazer-INF</i>)	
			cl suj.	cl obj.	cl suj.	cl obj.
SC	✓	✓	✓	*	✓	✓
não SC	✓	✓	*	✓	*	*

² A construção *fazer-INF* com verbos perceptivos só é possível quando o verbo infinitivo é intransitivo/inacusativo (cf. Duarte & Gonçalves 2001):

- (i) * O João viu lavar o carro à Ana.

1.2. As análises propostas

1.2.1. Análises baseadas na defectividade funcional do domínio infinitivo

a) Martins 1995, 2000

A proposta de Martins (1995, 2000) para o tratamento do fenómeno de SC baseia-se nos seguintes pressupostos:

- (i) O movimento dos constituintes é motivado por questões de ordem morfológica;
- (ii) Os pronomes clíticos têm de verificar em sintaxe visível um traço morfológico relacionado com 'definitude' contra a projecção funcional AgrS;
- (iii) Os complementos infinitivos em construções de SC são domínios funcionalmente defectivos, mais concretamente TPs.

Como consequência destas condições, os pronomes clíticos têm de sair do domínio infinitivo a fim de satisfazerem os seus requisitos morfológicos contra AgrS da oração matriz.

A observação da não-uniformidade de comportamento de verbos pertencentes à mesma classe dentro da mesma língua, por um lado, e a não-uniformidade de comportamento por parte dos mesmos verbos em diferentes línguas românicas (que, no entanto, respondem uniformemente a vários testes sintácticos), por outro, leva a autora a afirmar que o fenómeno de SC parece estar relacionado com propriedades idiossincráticas dos VSC. Propõe, então, que esta questão esteja relacionada com a selecção semântica destes itens lexicais, que pode ser especificada ou subespecificada. No primeiro caso, o domínio seleccionado é um ΣP , que, contendo AgrS, não admite SC. No segundo caso, o domínio infinitivo seleccionado é um TP que, não contendo AgrS, implica SC. Esta análise vai ao encontro da ideia de que os VSC são semanticamente fracos.

O estudo da diacronia do fenómeno de SC em várias línguas românicas leva à constatação do seguinte:

- (i) Nas línguas românicas antigas, a SC era obrigatória e não opcional;
- (ii) Nas línguas românicas antigas, existia um maior número de verbos que admitia (logo, exigia) SC, comparativamente ao número de VSC existentes actualmente.

Se o fenómeno de SC depender da selecção semântica dos VSC, então a análise dos dados diacrónicos mostra que o que está em causa é uma mudança nas propriedades de selecção semântica desses verbos (no sentido da subespecificação para especificação), o que corresponderá ao seu fortalecimento.

A análise minimalista de Martins (1995, 2000) resolve o problema da opcionalidade da SC, uma vez que as frases com SC e as frases sem SC não têm a mesma numeração, mas deixa-nos com o problema de os mesmos verbos, nas mesmas gramáticas, poderem ter diferentes propriedades de selecção. Ou seja, a opcionalidade da SC é resolvida à custa da não uniformidade das propriedades de selecção dos VSC.

b) Gonçalves 1998, 1999, 2000; Gonçalves e Duarte 2000, 2001

Nos trabalhos de Gonçalves (1998, 1999, 2000) e de Gonçalves e Duarte (2000, 2001), o fenómeno de SC é tratado como uma consequência da formação de um Predicado Complexo Sintáctico entre o verbo matriz e o verbo infinitivo³.

De acordo com estas propostas, existem duas classes de Predicados Complexos Sintácticos em PE:

- (i) PCS em construções de reestruturação (cf. Rizzi 1978, 1982) – formados com verbos de elevação e de controlo;
- (ii) PCS em construções *fazer-Inf* (cf. Kayne 1975, Burzio 1986, Raposo 1981) – formados com verbos causativos e perceptivos.

Em ambas as construções – reestruturação e *fazer-INF* – o domínio infinitivo é funcionalmente defectivo: no primeiro caso o domínio infinitivo é um TP (C e AgrS não se projectam), no segundo caso o domínio infinitivo corresponde a um VP (C, AgrS, T e AgrO não se projectam).

A formação dos PCS de reestruturação é determinada pela defectividade do domínio encaixado relativamente a traços temporais: "A formação de um predicado complexo [de reestruturação] só é possível se o complemento infinitivo for temporalmente dependente das especificações temporais do domínio mais alto, não só porque deve respeitar fenómenos de orientação temporal, mas também porque não pode conter informação temporal em conflito com as especificações acima mencionadas". (Gonçalves 1999: 243)

Nas construções *fazer-INF*, o complemento infinitivo integra um afixo (lexicalmente nulo) que incausativiza o verbo encaixado, ou seja, suspende a capacidade de atribuição de papel-temático externo. Como consequência, o causado não é o sujeito do complemento infinitivo, correspondendo antes a um argumento internalizado. Dado que o domínio encaixado não integra a projecção do núcleo T, o verbo encaixado sobe para o domínio matriz, a fim de verificar os seus traços de natureza temporal, obtendo-se deste modo os efeitos de predicado complexo. (cf. Gonçalves 2000: 235-237)

³ Sobre a noção de Predicado Complexo Sintáctico, vejam-se, entre outros, os trabalhos de Burzio 1986 e Baker 1996.

Em qualquer dos casos, o que está em causa é a inexistência de uma projecção do núcleo T activo, condição necessária, segundo as autoras, para a legitimação dos clíticos.

Nesta análise, a questão da SC é tratada como um efeito de um outro processo sintáctico – a formação de um PCS. No entanto, a questão da opcionalidade mantém-se, uma vez que a verificação das condições para a formação de um PCS estão dependentes da arbitrariedade da selecção categorial e semântica dos verbos matrizes.

1.2.2. Outras propostas de análise

a) Kayne 1989

O trabalho de Kayne (1989) é centrado na questão da SC em estruturas de controlo e elevação sobretudo no Italiano e no Espanhol.

Esta abordagem explora a relação entre a SC e a legitimação de sujeitos nulos, apresentando um tratamento da SC que não faz uso de qualquer regra de reestruturação e que se baseia nas condições de regência pelo antecedente propostas por Chomsky (1986).

A análise assenta nas seguintes premissas:

- (i) Os clíticos são núcleos;
- (ii) Os clíticos podem tomar como hospedeiro I ou V (por adjunção à esquerda);
- (iii) O movimento dos clíticos é nuclear (de núcleo para núcleo);
- (iv) Nas línguas de sujeito nulo (por oposição ao que acontece nas línguas de sujeito obrigatório) a categoria funcional I tem a capacidade de L-marcar o VP, fazendo com que VP deixe de ser uma barreira à regência;
- (v) Nas estruturas em que os sujeitos são co-referentes, I infinitivo sobe para I matriz (passando por C), resultando na co-indexação das duas posições (particularmente na co-indexação de Agr infinitivo e Agr matriz, compatível com a co-referência dos sujeitos).

A SC é, assim, concebida como resultado do seguinte:

- (i) Nas línguas de sujeito nulo, os clíticos podem sair de VP infinitivo para se adjungirem a I infinitivo, uma vez que VP não é uma barreira à regência;
- (ii) Nas estruturas em que os sujeitos são co-referentes, o núcleo complexo $[_{\text{inf}} \text{CL } I_{\text{inf}}]$ sobe para I matriz (passando por C).

Esta análise resolve as seguintes questões:

- (i) A impossibilidade de SC a partir de domínios finitos (a posição C está preenchida lexicalmente);

- (ii) A impossibilidade de SC a partir de domínios infinitivos negativos (NEG é uma barreira à regência);
- (iii) A impossibilidade de SC em línguas de sujeito obrigatório como o Francês (I não tem capacidade de L-marcas VP ⁴);
- (iv) A impossibilidade de SC em estruturas com sujeitos de referência disjunta (a subida de I infinitivo para I matriz resultaria nestes casos na incompatibilidade da co-indexação das categorias Agr com a diferente indexação dos sujeitos ⁵);

E apresenta os seguintes problemas:

- (i) Não resolve a questão de verbos pertencentes às classes de controlo de sujeito e de elevação de sujeito não admitirem SC ⁶;
- (ii) Não motiva a subida do clítico para I infinitivo e, conseqüentemente, não trata a questão da opcionalidade da SC.

b) Terzi 1995

Este trabalho centra-se na questão da SC em estruturas de controlo e elevação nas línguas românicas *standard* e adopta, no fundamental, as propostas de Kayne (1989), com as devidas adaptações aos pressupostos minimalistas e à divisão Pollockiana de IP (Pollock 1989).

A tese defendida é a de que a possibilidade de co-indexação dos sujeitos (realizada através da subida de T encaixado para T matriz) é a condição *sine qua non* para que se dê a SC (Terzi 1992, 1994).

Nas línguas românicas *standard*, os sujeitos co-referentes são exclusivos das construções com complementos infinitivos, logo, a SC está limitada a estes contextos. Contrastivamente, nas línguas em que existe controlo ou elevação de sujeito em contextos de

⁴ Os casos particulares do Francês de SC em causativas *fazer-INF* são tratados da seguinte forma:

- (i) Os complementos infinitivos de verbos causativos são VPs;
- (ii) Os verbos causativos L-marcam o VP infinitivo, fazendo com que este deixe de ser uma barreira à regência.

⁵ Os casos particulares do Espanhol de SC em estruturas de controlo de objecto são interpretados como instâncias disfarçadas de construções causativas.

⁶ Relativamente a esta questão, e baseado nas propostas de Luján (1978) e de Raposo (1987), Kayne (1989) avança a hipótese de a SC não ser possível a partir de domínios infinitivos com valor temporal independente por existir, nestes casos, um elemento T localizado em C, bloqueando a subida de I infinitivo. O próprio autor, no entanto, afirma que esta estratégia não resolve o assunto cabalmente.

complementação finita – como o Servo-Croata ou o Salentino – a SC ocorre a partir de domínios finitos ⁷.

Nas línguas românicas *standard*, os clíticos dependentes de verbos infinitivos são núcleos e são gerados numa posição de adjunção à esquerda de T infinitivo. Logo, a SC é o resultado do movimento de T encaixado (em conjunto com o clítico) para T matriz.

Esta análise apresenta as mesmas vantagens e problemas apontados relativamente à proposta de Kayne (1989), excepto no que diz respeito à (falta de) motivação da primeira subida do clítico para I infinitivo que é aqui evitada projectando o clítico directamente em T.

Resta, no entanto, saber (e desta vez de forma mais fundamental) como é que, verificadas as mesmas condições, a subida de T não opera sistematicamente, desencadeando SC em todos os casos.

⁷ A SC é em Servo Croata uma instância de movimento sintagmático, não levantando, portanto a questão de C lexical ser uma barreira. Em Salentino, os clíticos são núcleos mas os complementos em causa são introduzidos por um marcador de conjuntivo que é eliminado após a subida de T.

2. O fenómeno de SC em dados não-standard do PE

2.1. Os dados considerados

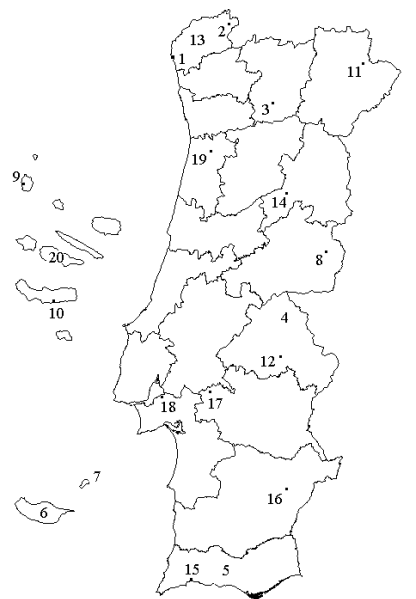
Os dados considerados neste trabalho provêm maioritariamente do *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica (CORDIAL-SIN)*.

O *CORDIAL-SIN* é um *corpus* que vem a ser constituído desde 1999, por uma equipa de investigação coordenada por Ana Maria Martins, e que reúne excertos de fala espontânea ou semi-dirigida, transcritos ortograficamente a partir de gravações de inquéritos dialectais realizados entre os anos 70 e os anos 90 pelo Grupo de Estudos de Dialectologia do Centro de Língua da Universidade de Lisboa, no âmbito de diversos projectos de atlas linguísticos⁸.

No âmbito da realização deste trabalho, recolhi dados provenientes das 19 localidades (ou micro-regiões) do território português listadas abaixo:

Mapa I: Variedades dialectais consideradas

1. Vila Praia de Âncora (Minho)
2. Castro Laboreiro (Trás-os-Montes)
3. Perafita (Trás-os-Montes)
4. Castelo de Vide, Porto da Espada,
5. Salvador, Alpalhão e Nisa (Alto Alentejo)
6. Câmara de Lobos e Caniçal (Madeira)
7. Porto Santo (Madeira)
8. Monsanto (Beira-Baixa)
9. Fajãzinha (Açores)
10. Ponta Garça (Açores)
11. Outeiro (Trás-os-Montes)
12. Cabeço de Vide (Alto Alentejo)
13. S. Lourenço, Bade e Arcos de Valdevez (Minho)
14. Figueiró (Beira Alta)
15. Alvor (Algarve)
16. Serpa (Baixo Alentejo)
17. Lavre (Alto Alentejo)
18. Alcochete (Estremadura)
19. Covo (Beira Litoral)



Os "textos orais" correspondentes a estas 19 localidades resultam da transcrição de cerca de 24 horas de gravação de registo sonoro e contêm aproximadamente 240.000 palavras.

No Quadro II, apresento alguns valores relativos ao número de atestações de pronomes clíticos no conjunto de dados considerado.

⁸ Para uma descrição pormenorizada das características e potencialidades deste *corpus*, bem como para consulta do *corpus* on-line, veja-se WWW.clul.ul.pt/frames.html.

Quadro II: Atestações de pronomes clíticos no sub-corpus considerado

total de ocorrências de pronomes clíticos	6392		
ocorrências de pronomes clíticos dependentes de verbos infinitivos (flexionados ou não-flexionados) em infinitivas adverbiais, em infinitivas com relação gramatical de sujeito ou em completivas infinitivas	1125		
ocorrências de pronomes clíticos dependentes de verbos infinitivos não-flexionados em completivas infinitivas subcategorizadas por VSC	824	cliticização ao verbo infinitivo	245
		cliticização ao verbo matriz	579

Para o tratamento da questão que me ocupa neste trabalho, tomei apenas em consideração as 824 estruturas passíveis de desencadear SC. Dentro deste conjunto é de salientar o elevado número de casos de SC. Na verdade, mesmo desprezando todas as configurações em que a operação de SC é obrigatória (ou seja, todos os casos em que o clítico lexicaliza o sujeito da infinitiva em construções ECM ou lexicaliza qualquer clítico em construções *fazer-INF*⁹), que correspondem apenas a 43 casos, e considerando exclusivamente os contextos em que a SC é opcional, verifica-se que a estratégia de SC é preferencialmente seleccionada: 536 casos de cliticização ao verbo matriz, contra 245 casos de cliticização ao verbo infinitivo. Comentarei este facto na secção seguinte.

Alguns dos fenómenos relativos à sintaxe dos pronomes clíticos identificados nos dados dialectais do *CORDIAL-SIN* têm sido amplamente comprovados pelo testemunho de outros dados não-*standard*, recolhidos informalmente "no quotidiano", quer em situações de fala espontânea, quer em contextos mais formais, como sejam os de provas escritas de alunos

⁹ Não considero contextos de SC obrigatória os casos de Subida de *se*-nominativo a partir de infinitivas seleccionadas por verbos de elevação de sujeito. O facto de, nas construções de elevação de sujeito, o sujeito da infinitiva se mover obrigatoriamente para a posição de sujeito matriz, em paralelo com o facto de o *se*-nominativo lexicalizar um argumento com a função gramatical de sujeito, poderia levar a pensar que a SC era obrigatória nestes casos. A gramaticalidade de (i) e (ii) por um lado, e o contraste existente entre (iii) e (iv), por outro, determinam não só que a Subida de *se*-nominativo com verbos de elevação que sejam VSC é opcional, como que a Subida de *se*-nominativo é agramatical com verbos de elevação que não sejam VSC.

- (i) Pode morrer-se de um momento para o outro.
- (ii) Pode-se morrer de um momento para o outro.
- (iii) Parece comer-se bem neste restaurante.
- (iv) *Parece-se comer bem neste restaurante.

do ensino superior, os de artigos de opinião publicados em jornais nacionais ou os de obras literárias. Sempre que considerar oportuno e relevante, acrescentarei à minha descrição dados provenientes destes outros testemunhos.

Os dados retirados de artigos de jornal estão identificados através do nome do autor do artigo, título do jornal e data de publicação ¹⁰. Os dados retirados de obras literárias estão identificados através dos nomes do autor e da obra. Os restantes dados (exceptuados os provenientes do *CORDIAL-SIN*) estão referenciados através da codificação da seguinte informação:

- Sexo do informante F/M
- Idade do informante I (0 a 20 anos)
II (21 a 40 anos)
III (41 a 60 anos)
IV (61 a 80 anos)
V (mais de 80 anos)
- Escolaridade do informante ANA (analfabetos)
BAS (escolaridade básica)
SEC (escolaridade secundária)
SUP (escolaridade superior)
- Naturalidade do informante (Sede de Concelho)
- Situação comunicacional O (registo oral)
E (registo escrito)
- Ano de recolha dos dados

Os exemplos provenientes do *CORDIAL-SIN* estão identificados pela localidade de origem do informante e pelo sistema de referência de ficheiros utilizado na constituição do *corpus*.

2.2. O panorama existente

2.2.1. Aumento do número de verbos que admitem SC

Numa primeira observação dos dados, o facto que se apresenta como mais significativo é o aumento do número de verbos que admitem SC.

Nesta secção, apresento exemplos de todos os verbos que funcionam como verbos de SC no conjunto de dados considerado. Na subsecção (a), tratarei os casos 'regulares' de SC, ou seja, as construções de SC com verbos de elevação, de controlo de sujeito e com verbos

¹⁰ No conjunto de dados de artigos de jornal, há um único caso recolhido no *corpus CETEMPúblico*. Esse exemplo está referenciado através do nome do *corpus* e do código numérico que lhe é atribuído no resultado da busca.

perceptivos/causativos. Na subsecção (b), tratarei os casos 'inesperados' de SC, ou seja, as construções de SC com verbos pertencentes a outras classes sintáticas.

a) SC com verbos pertencentes às classes tradicionalmente consideradas de SC

No Quadro III, apresento uma listagem de todos os VSC que ocorrem nos dados do *CORDIAL-SIN*, distribuídos pelas respectivas classes sintáticas. Aparecem sublinhados os verbos que, pertencendo às classes tradicionalmente aceites como classes de SC, não são habitualmente considerados VSC.

Os casos de SC com os verbos não-sublinhados estão ilustrados nos exemplos (15) a (19) (um exemplo para cada uma das classes ou sub-classes consideradas).

As construções de SC com os verbos sublinhados estão ilustradas nos exemplos (20) a (29) (um exemplo para cada um dos verbos listados).

Para facilitar a leitura dos exemplos, apresento os clíticos a negrito, os VSC sublinhados e os verbos infinitivos, dos quais os clíticos dependem, em maiúsculas.

Quadro III: Verbos de Subida de Clítico (dados dialectais do *CORDIAL-SIN*)

verbos de elevação			verbos de controlo sujeito	verbos perceptivos/causativos
semiauxiliares aspectuais	semiauxiliares temporais	semiauxiliares modais		
<i>andar a</i> <i>chegar a</i> <i>começar a</i> <i>costumar a</i> <i>estar a</i> <i>tornar a</i> <i>voltar a</i>	<i>haver de</i> <i>ir (a)</i> <i>vir</i>	<i>dever (a)</i> <i>poder</i>	<i>querer</i> <i>saber</i>	<i>mandar</i> <i>deixar</i> <i>fazer</i> <i>ver</i> <i>ouvir</i>
<i>acabar de</i> <i>dar em</i> <i>deixar de</i> <i>empeçar a</i> <i>renovar a</i> <i>usar</i>	<i>ir para</i>	<i>dever de</i> <i>ter (de/que)</i>		

Semiauxiliares aspectuais

- (15) Botava-os para ali, **tornava-os a** ESPADAR, olhe, ficava uma coisa deliciosa, muito boa, rija, rija que eu sei lá! (Outeiro, OUT13)

Semiauxiliares temporais

- (16) Ora, no outro dia, ia para ir vê-la, chega logo o homem da agência, que **me veio** PARTICIPAR que ela que tinha morrido. (Porches, PAL07)

Semiauxiliares modais

- (17) E não **lhe podia** DAR nada ao senhorio. (Monsanto, MST40)

V. controlo sujeito

- (18) Eu já vem tempo que os não fiz mas se me puser a fazer, eu **sei-os** FAZER. (Outeiro, OUT19)

V. causativos

- (19) E os meus filhos, eu já **os mandei** ENSINAR bem, porque já havia escolas. (Figueiró da Serra, FIG18)

Semiauxiliares aspectuais

- (20) Acaba-se-lhe de CHEGAR ao fundo, ao acabamento da vinha, pronto! Está a vinha colhida. (Monsanto, MST35)
- (21) Mas, quer dizer, em ficando duns anos para os outros, dá-lhe em DAR um bichinho que lhe chamam a ponilha. (Porto da Espada, AAL63)
- (22) Quando deixar de ver aquela estrela, também ele deixa-se de REGULAR no mar. (Serpa, SRP02)
- (23) Depois, às vezes já se empeçam a VER, ele vem a chuva... Empeçam-se a VER, a gente vai lá dar uma voltinha. (Outeiro, OUT55)
- (24) Fomos a gente que fomos da iniciativa de se renovar a FAZER a festa novamente. (Porches, PAL17)
- (25) Aqui até já não se usa FAZER a tal papa... (Minho, MIN11)

Semiauxiliares temporais

- (26) É aí que eu que ia-lhe para CONTAR. (Lavre, LVR03)

Semiauxiliares modais

- (27) Aplica-se essa palavra no lugar preciso, aonde é que se deve de EMPREGAR. (Porches, PAL16)
- (28) Estamos nesta crise que terá que se ter de DEIXAR isto e abandoná-lo. (Monsanto, MST06)
- (29) Tinha-se que ESCOLHER o tempo que estivesse de bom. (Minho, MIN32)

Os 'novos' verbos de SC atestados dialectalmente pertencem todos à classe dos verbos de elevação e, mais concretamente, à sub-classe dos semiauxiliares, confirmando a afirmação de Ana Maria Martins: "In general, the verbs that more regularly behave as CC verbs across dialects (and idiolects) have modal, aspectual, or temporal import." (Martins 2000: 169).

Neste conjunto de 'novos' verbos, encontram-se dois tipos de situações: (i) variantes lexicais regionais de verbos que, na sua forma *standard*, já eram considerados VSC (veja-se os casos de *empeçar* por *começar*, de *renovar* por *voltar* ou de *usar* por *costumar*) e (ii) verbos que seleccionam orações infinitivas introduzidas por preposições habitualmente descritas como inibidoras de SC (cf. *acabar de*, *deixar de*, *dever de*, *ter de*, *ir para*, *dar em*) (cf. Duarte 2003b: 858-859). Dentro deste último grupo, há que considerar o caso extremo de *ter que*, tido por todos os autores como incompatível com a construção de SC.

Relativamente à questão das preposições introdutoras dos complementos infinitivos e à relação destas com a SC, a análise dos dados dialectais confirma parte das afirmações que têm sido feitas a esse propósito, verificando-se que existem preposições que favorecem a SC e outras que a inibem ¹¹.

¹¹ Aquilo que os dados dialectais não confirmam é a existência de uma relação entre a presença de um proclisador no domínio matriz e a SC a partir de infinitivas introduzidas por determinadas preposições (cf. Duarte 2003b: 858). Com qualquer uma das preposições atestadas, ocorre SC quer na presença, quer na ausência de um proclisador no domínio superior, existindo, inclusivamente, um maior número de casos do último tipo.

Estas tendências são detectáveis quer tomando como universo o conjunto de dados de SC (contabilizando o número de casos de SC a partir dos vários tipos de domínios infinitivos), quer tomando como universo cada um dos tipos de domínios infinitivos (contabilizando o número de casos de SC por oposição ao número de casos de manutenção do clítico no domínio de origem).

No Quadro IV apresento os resultados quantitativos dos levantamentos:

Quadro IV: Distribuição dos dados de SC vs dados de não-SC por tipo de infinitiva

	infinitivas não-preposicionadas	infinitivas preposicionadas				infinitivas introduzidas por <i>que</i>
		<i>a</i>	<i>de</i>	<i>em</i>	<i>para</i>	
cliticização ao verbo matriz	394	132	44	4	1	4
cliticização ao verbo infinitivo	73	49	60	6	4	53

Os valores apurados nestes levantamentos mostram que:

- (i) Nos domínios infinitivos não-preposicionados, a SC é claramente a opção preferencial;
- (ii) Nos domínios infinitivos introduzidos por *que*, a cliticização ao verbo infinitivo é claramente a opção preferencial;
- (iii) Nos domínios infinitivos preposicionados, a preposição introdutora parece estar implicada na escolha da opção:
 - com *a*, a SC é preferencial;
 - com *de*, *em* ou *para*, a não-SC é preferencial.

Estes resultados, apesar de revelarem tendências bastante evidentes, não são radicais. Ou seja, para qualquer dos contextos existem atestações das duas hipóteses de cliticização. Quando este cenário não se verifica numa mesma gramática – ou seja, se num mesmo contexto, um mesmo informante opta sistematicamente por uma das opções – a questão não é problemática, significando que, nessa gramática, determinados elementos são transparentes para efeitos de SC e outros não. Se, numa mesma gramática, existe alternância entre SC e não-SC em domínios introduzidos pelo mesmo elemento, então há que dizer alguma coisa acerca disso.

Uma das possibilidades de abordagem desta questão é a exploração da ambiguidade do estatuto categorial dos elementos introdutores das orações infinitivas. Vários foram os autores que avançaram propostas baseadas na afinidade existente entre a classe das

preposições e a dos complementadores (cf. Emonds 1985; Kayne 1994; Dubinsky & Williams 1995; Corver & Riemsdijk 2001; Duarte 2003a ¹²).

Inspirada nestes trabalhos, proponho que, no PE, cada um dos elementos introdutores de orações infinitivas possa ter duas entradas no léxico — uma como preposição, outra como complementador. Estes elementos, homófonos, teriam, pois, diferente estatuto categorial, diferentes propriedades de selecção, ocupariam diferentes posições estruturais e, quanto ao que aqui me ocupa, desencadeariam diferentes padrões relativamente à SC ¹³.

Isto seria compatível com a existência dos vários tipos de gramáticas identificados:

- (i) Gramáticas em que todos os elementos são ambíguos (têm uma dupla entrada) e que, por isso, exibem variação em todos os contextos;
- (ii) Gramáticas em que todos os elementos têm um entrada simples (ou como P, ou como C) e que, por isso, nunca apresentam variação no conjunto de um mesmo contexto;
- (iii) Gramáticas em que uns elementos têm entrada dupla e outros têm entrada simples e que, como tal, apresentam variação nalguns contextos e não-variação noutros.

Voltemos agora à questão do número de VSC. A existência, verificada nos dados dialectais, de um maior número de VSC do que habitualmente se assume é confirmada por uma nova bateria de dados recolhidos informalmente noutros contextos (cf. descrição destes dados na secção 2.1.). No Quadro V, apresento uma listagem destes outros VSC, pertencentes às classes de elevação e controlo de sujeito. A ocorrência destes verbos como VSC está ilustrada nos exemplos (30) a (42).

¹² Estes trabalhos, embora caminhem no mesmo sentido, apontam diferentes hipóteses de implementação: fusão das duas categorias, reanálise e recategorização, subespecificação categorial, bicategorização, etc.

¹³ Esta hipótese revela-se particularmente adequada aos dados quando em paralelo com os padrões de movimento (SC vs não-SC) se considera os padrões de colocação no interior da infinitiva (i.e., próclise vs ênclise ao verbo infinitivo), uma vez que os elementos introdutores das orações infinitivas parecem ter também um papel activo relativamente a este outro aspecto. Esta questão é objecto de outro trabalho em curso.

Quadro V: Outros Verbos de Subida de Clítico

verbos de elevação	verbos de controlo sujeito
<i>Tardar em</i> (semiauxiliar temporal) <i>Ter que</i> (semiauxiliar modal)	<i>Precisar de</i> <i>Aprender a</i> <i>Adorar</i> <i>Resolver</i> <i>Pensar (em)</i> <i>Procurar</i> <i>Escusar de</i> ¹⁴ <i>Estar para</i> ¹⁴

- (30) A política que mandou às urtigas o Plano Director Municipal e **o tarda em** REVER pode fazer com que, quando a sua nova versão estiver pronta, a cidade já esteja comprometida. (Ribeiro Teles, *Jornal Público*, Novembro 2003)
- (31) Dados recentemente conhecidos falam de uma realidade que muitos sabem existir mas **se tarda em** RESOLVER. (Pedro Streckt, *Jornal Público*, Abril 2004)
- (32) **Tive-me que** SUJEITAR aos tamanhos que havia. (F-III-SUP-Évora-O-2002)
- (33) Não estejam sempre a olhar pró espelho. Não **se precisam de** VER ao espelho. (F-II-?-?-O-2002)
- (34) Eu já **me aprendi a** CONTROLAR. (F-II-?-?-O-2003)
- (35) Ela **adora-me** CHAMAR puto. (M-II-SEC-Porto-O-2003)
- (36) A minha mãe **adora-me** VER com estas calças. (F-II-SUP-Covilhã-O-2004)
- (37) Não sei porque é que **me resolvem** sempre TELEFONAR quando tenho outra coisa para fazer. (F-II-SEC-Lisboa-O-2004)
- (38) Só falta agora saber quando é que o médico **a pensa** OPERAR. (F-III-SUP-Lisboa-O-2004)
- (39) Eu já **me pensei em** CASAR. (poeta popular alentejano, referência obra)
- (40) Não **me procurei** INFORMAR sobre esse assunto. (M-III-SUP-Sousel-O-2004)
- (41) **Escusam-se de estar a** RIR que têm de assinar outra vez. (F-III-SUP-Évora-O-2004)
- (42) Cala-te que eu não **te estou para** ATURAR. (F-II-SEC-Lisboa-O-2003)

Contrariamente ao que acontecia com os dados dialectais, os 'novos' VSC atestados nestes outros contextos, pertencem maioritariamente à classe dos verbos de controlo de sujeito. São, pois, verbos com conteúdo semântico mais forte, no sentido de Napoli (1981)¹⁵.

¹⁴ 'escusar' e 'estar para' exibem propriedades características das construções de controlo, tais como, a possibilidade de ocorrência, no domínio infinitivo, de um pronome anafórico associado ao sujeito, a imposição de restrições de selecção semântica ao sujeito matriz, a atribuição de papel temático ao sujeito, a diferente interpretação resultante da formação de uma passiva descontínua.

O facto de estes verbos admitirem a co-ocorrência com verbos meteorológicos e outros verbos impessoais poderia fazer pensar que não se tratasse de verbos de controle. No entanto, esta utilização de 'escusar de' e 'estar para' como verbos impessoais com sujeito expletivo não é aquela que está em causa nos exemplos considerados (cf. exs. (41) e (42)).

¹⁵ É interessante verificar que o funcionamento de alguns destes verbos como VSC é comum a outras línguas românicas, nomeadamente ao Italiano e ao Espanhol. De acordo com os levantamentos feitos em Napoli (1981), os verbos *imparare* (*aprender*), *amare* (*amar/adorar*) *decidere* (*resolver*), *pensare a* (*pensar em*), *tardare* (*tardar*), *tentare* (*procurar* por oposição a *cercare*, no sentido de *tentar*) são aceites por alguns dos seus informantes como VSC. O verbo *stare per* (*estar para*) é aceite

O alargamento do grupo de VSC, por um lado, e a selecção da SC como estratégia preferencial (cf. Quadro II), por outro, parecem remeter para o tipo de cenário existente em fases anteriores da história do Português (cf. Martins 1995, 2000, no prelo). Assim sendo, estaríamos perante uma situação, de tipo bem conhecido, em que diferentes variedades sincrónicas reflectiriam diferentes estádios de desenvolvimento diacrónico. Concretamente os dados recolhidos podem ser a expressão de um estádio anterior de um processo de mudança que partindo da SC obrigatória caminhará no sentido da impossibilidade de SC, passando pela SC opcional e, se aceitarmos as propostas de Martins (1995, 2000), no sentido da especificação semântica dos VSC a partir de uma fase primitiva de sub-especificação ¹⁶.

Outro dos factores que torna plausível esta versão da 'história' é a existência de dados de SC objecto em construções ECM:

- (43) Porque quem tanto trabalhou, quem tanto se matou, quem tanto fez, e agora vê-la DEIXAR aí assim, olhe, aí a tojo, a mato, custa um bocado. (Covo, COV15)
- (44) Às vezes, até pode ser verdade. Que há coisas que a gente diz e que ouve-as CONTAR e depois diz assim: "Ah, isso não pode ser"! E mais tarde acredita nelas. (Lavre, LVR23)

Se libertarmos os exemplos (43) e (44) de todo o 'ruído de fundo' e reduzirmos aquilo que nos interessa à sua expressão mais simples, obteremos o seguinte resultado:

- (45) Alguém vê-a DEIXAR a tojo, a mato. [Alguém vê deixar a terra a tojo, a mato.]
- (46) A gente ouve-as CONTAR. [A gente ouve contar coisas.]

Tomando em conta que as construções *fazer-INF* com verbos perceptivos só são possíveis com infinitivo intransitivo/inacusativo (cf. nota 2), (43) e (44) são indubitavelmente construções ECM: os verbos *deixar* e *contar* são, respectivamente, verbos de três e de dois lugares. Assim sendo, estaremos perante casos de SC objecto a partir de complementos ECM: possibilidade banida da variedade *standard*.

por todos os informantes como VSC, enquanto o verbo *bisognare* (*precisar*) não é aceite por nenhum dos informantes como VSC (cf. Napoli 1981:883).

Em Espanhol, a SC com *tener que*, *aprender* e *pensar* é unanimemente aceite como uma construção *standard* (cf. Luján 1980: 384 e 414, respectivamente).

¹⁶ A confirmação desta hipótese exigiria verificar se os verbos em causa ocorrem como VSC em fontes escritas medievais ou posteriores.

Ora dados como estes não são problemáticos se os entendermos como produto de gramáticas conservadoras, uma vez que, historicamente, os complementos ECM fazem, tal como outros complementos infinitivos, o percurso da defectividade funcional para a não defectividade, tendo tal facto as consequências já descritas para a sintaxe da SC.

b) SC com novas classes de verbos – verbos impessoais e verbos de controlo de OI

Outra das novidades que os dados considerados apresentam é a possibilidade de SC com verbos pertencentes à classe dos verbos impessoais e à classe dos verbos de controlo do OI. Consideremos o primeiro caso, ilustrado nos exemplos (47) a (49):

- (47) Mas custa-se a ver. Agora, custa-se a encontrar. (Ponta Garça, MIG26)
(48) Custa-se é a encontrar já disso. (Ponta Garça, MIG26)
(49) Já se custa a encontrar mas aparece. (Ponta Garça, MIG26)

Todos os exemplos são produzidos pelo informante de Ponta Garça (S. Miguel, Açores). Nos dados deste informante, o verbo *custar* ocorre como VSC em todas as atestações.

Admitamos que, na gramática deste informante, o verbo *custar* tem o comportamento exemplificado em (50) e (51), ou seja, é um verbo impessoal, com sujeito expletivo, que subcategoriza uma infinitiva com sujeito nulo de interpretação arbitrária (cf. (50)), ou uma infinitiva com sujeito nulo controlado pelo OI da oração matriz (cf. (51))¹⁷.

- (50) SUJ_{expl} Custa [PRO_{arb} arrancar dentes sem anestesia].
(51) SUJ_{expl} Custa-me_i [(a) PRO_i arrancar dentes sem anestesia].

Em qualquer dos casos estamos perante construções que não permitem SC na variedade *standard*:

- (i) os verbos impessoais não fazem parte do elenco dos VSC;
- (ii) os verbos de controlo de OI não fazem parte do elenco dos VSC;
- (iii) os verbos matrizes associados a um clítico dativo não admitem SC.

No Espanhol, existem, no entanto, vários exemplos que contradizem as duas últimas restrições:

¹⁷ Este verbo admite ainda a possibilidade de elevação do OD da infinitiva para a posição de sujeito da frase matriz, desencadeando concordância verbal:

- (i) Estes dentes_j custaram [a PRO_{arb} arrancar t_j].
- (ii) Estes dentes_j custaram-me_i [a PRO_i arrancar t_j].

- (52) (a) Me permitió tocarla.
 (b) Me la permitió tocar.
 (53) (a) Me aconsejó verla.
 (b) Me la aconsejó ver.
 (54) (a) Te ordenará comprarlos.
 (b) Te los ordenará comprar.

exemplos retirados de Luján 1980

Como mostram os exemplos acima, os verbos *permitir*, *aconsejar* e *ordenar*, sendo verbos de controlo de OI, associados a um clítico dativo, permitem SC a partir do seu complemento.

Então, aquilo que parece essencial para que a SC seja gramatical é que o VSC não seja impessoal. Os exemplos (55)-(58) ilustram casos de impossibilidade de SC com verbos do tipo de *costar*:

- (55) (a) Conviene hacerlo.
 (b) *Lo conviene hacer.
 (56) (a) Me importa hacerlo bien.
 (b) *Me lo importa hacer bien.
 (57) (a) Te interesaba venderlos.
 (b) *Te los interesaba vender.
 (58) (a) Hay que hacerlo.
 (b) *Lo hay que hacer.¹⁸

exemplos retirados de Luján 1980

De acordo com Napoli (1981), a SC com *convir* era, no entanto, permitida no Italiano antigo e aceite ainda hoje por alguns falantes:

- (59) Signor mio, la quistione la qual voi mi fate è bella, e a volverne [SIC] dire ciò che io ne sento, **mi vi convien dire** una novelletta, qual voi udirete.

Boccaccio, 46; a partir de Napoli 1981

Os problemas levantados pelos exemplos (47)-(49) seriam resolvidos se colocássemos a hipótese de, na gramática do informante de Ponta Garça, o verbo *costar* funcionar como um verbo de elevação de sujeito, do tipo exemplificado em (60).

¹⁸ Note-se que, neste caso, a presença de um complementador lexical não pode ser a causa da impossibilidade de SC, uma vez que esta construção é admitida com *tener que*:

- (i) Tenemos que hacerlo.
 (ii) Lo tenemos que hacer.

(60) Eu_i custei [a t_i arrancar estes dentes].

Então, neste caso, o *se* de (47)-(49) seria interpretado como o sujeito de *custar*, elevado a partir da infinitiva, e (47)-(49) corresponderiam a casos 'regulares' de SC, uma vez que os verbos pertencentes a esta classe (pelo menos os semiauxiliares) admitem esta construção¹⁹. No entanto, a existência de SC com verbos de controlo de OI é confirmada por outros exemplos.

Em (61) apresento um caso de SC com o verbo *permitir* – verbo cuja classificação não oferece dúvidas – que mostra claramente que a SC em construções de controlo pelo objecto é uma possibilidade disponível para alguns falantes do PE.

(61) Sou professor provisório sem preparação específica para a docência nem estágio, porque o Estado nunca **mo permitiu** FAZER. (CETEMPúblico, Ext.753989)

A SC em construções de controlo de OI não levanta problemas às análises baseadas na defectividade do domínio encaixado, nomeadamente às que fazem uso da formação de um Predicado Complexo Sintáctico. Gonçalves (1999) apresenta, num primeiro momento, todo o conjunto dos verbos de controlo como verificando as condições necessárias à formação de PCSs. A exclusão dos verbos de controlo de objecto (OD/OI) do grupo de verbos que admite a formação de PCSs é feita, precisamente, com base na impossibilidade da ocorrência de SC nestes contextos (cf. Gonçalves 1999: 59-64). Ora, se através dos dados aqui apresentados, se demonstra que existe SC com verbos deste tipo no PE, então, nesta linha de análise, há que admitir que nas construções de controlo de OI pode haver formação de PCSs.

Pelo contrário, os dados de (47)-(49) e (61) constituem sérios desafios às análises *a la* Kayne (1989), que constroem toda a sua argumentação com base na co-referência dos sujeitos.

2.2.2. SC a partir de domínios infinitivos aparentemente não defectivos

O acréscimo de novos argumentos que permitem comprovar o vínculo existente entre SC e defectividade funcional dos domínios infinitivos é a contribuição mais interessante dos dados observados no âmbito do presente trabalho.

¹⁹ A gramaticalidade de construções de elevação com o verbo *custar* foi testada junto de vários informantes. De entre todos, apenas dois aceitam e produzem frases como a que é exemplificada em (60). Ambos os informantes são originários do Alentejo.

O facto de eu considerar o movimento de *se*-nominativo em construções de elevação do sujeito como instâncias de SC encontra-se justificado na nota 9.

Nesta secção, apresento um conjunto de dados de SC a partir de domínios cuja apreciação superficial levaria a classificar como não defectivos: completivas nominais e adjectivais (subsecção A) e completivas verbais negativas (subsecção B).

a) SC a partir de completivas nominais e adjectivais

Leonetti (1999), descrevendo a complementação nominal no Espanhol, dá notícia da existência de certas construções que aparentemente contêm completivas nominais mas cujas propriedades sintácticas as aproximam de estruturas de complementação verbal. Segundo este autor, estes são casos de formação de um predicado complexo – constituído pelo verbo e pelo nome – que tem comportamento transitivo, seleccionando, no seu conjunto, uma oração completiva (Leonetti 1999: 2101-2102).

A coberto desta possibilidade, proponho que as completivas de (62)-(64) sejam seleccionadas pelos predicados complexos (sublinhados, nos exemplos), constituídos pelo verbo leve *ter* e pelos nomes *hora*, *esperança* e *coragem*, respectivamente:

- (62) Se fosse muita quantidade – que a gente visse que era muita quantidade – não vinha-se, não **se tinha hora** de CHEGAR a terra. (Câmara de Lobos, CLC13)
- (63) Já não **o tinha esperança** de ENCONTRAR. (F-II-SUP-Lisboa-O-2004)
- (64) Eu não **lhe tive coragem** de DIZER tudo aquilo que pensava. (F-II-SUP-Porto-O-2004)

Leonetti (1999) aponta dois critérios para distinguir este tipo de construções das verdadeiras completivas nominais:

- (i) a formação de uma relativa em que o elemento relativizado pertença à oração subordinada;
- (ii) a legitimação de palavras negativas no interior da oração subordinada através da presença de um marcador de negação frásica na oração principal.

Ambos os critérios são satisfeitos pelas construções de (62)-(64):

- (65) **A terra** a que não se tinha hora [de chegar _].
- (66) **O livro** que eu não tinha esperança [de encontrar _].
- (67) **Aquilo** que eu não tive coragem [de dizer_].
- (68) **Não** se tinha hora [de chegar a lado **nenhum**].
- (69) Eu **não** tinha esperança [de encontrar **ninguém**].
- (70) Eu **não** tive coragem [de dizer **nada**].

Pelo contrário, a aplicação destes mesmos testes a construções com verdadeiras completivas nominais resulta na formação de frases agramaticais:

- (71) O João não apreciou a ideia [de fazer uma homenagem à mãe].
 (72) * **A homenagem** que o João não apreciou a ideia [de fazer _ à mãe].
 (73) * O João **não** apreciou a ideia [de fazer **nenhuma** homenagem à mãe].

Também o teste clássico de extracção de constituintes interrogativos a partir de completivas apresenta diferentes resultados junto dos dois tipos de construção:

- (74) **Onde** é que não se tinha hora [de chegar _]?
 (75) **O que** é que não tinhas esperança [de encontrar _]?
 (76) **O que** é que não tiveste coragem [de dizer _]?
 (77) ***O que** é que o João não apreciou a ideia [de fazer _]?

O contraste verificado neste último conjunto de dados, parece demonstrar que em (77) existe um NP complexo (formado pelo núcleo nominal *ideia* e pela completiva por si seleccionada) que, como tal se comporta como uma 'ilha' à extracção de constituintes (Ross 1967); pelo contrário, as completivas de (74)-(76), como aliás quaisquer outras completivas verbais, permitem a extracção de constituintes interrogativos.

Por outro lado, é de notar que a possibilidade de ocorrência de palavras negativas em orações subcategorizadas por complexos verbais dá ainda informação relevante acerca do estatuto funcional desses domínios. Matos (2001), baseada no trabalho de Giannakidou & Quer (1997), define as condições legitimadoras de Concordância Negativa de Longa Distância:

"According to Giannakidou & Quer (1997), the crucial property for Long Distance Negative Concord licensing is the dependence of the tense of the subordinate sentence upon the tense of the main one, a property that they correlate with the semantics of the main predicate." (MATOS 2001:277)

[e em nota]

"Giannakidou & Quer (1997) show that N-words are licensed within a tensed domain. They demonstrate that Long Distance Negative Concord is restricted to specific contexts which partially overlap with the use of the infinitive and the subjunctive. They also show that not all the subjunctive or infinitival embedded domains are transparent, just those where there is tense dependence of the subordinate sentence with respect to the main one." (MATOS 2001:277 – nota 21)

Parece, pois, que os domínios seleccionados por complexos verbais são deficitários relativamente a traços temporais, dependendo, a este respeito, das especificações da oração superior.

Finalmente, é de salientar que, contrariamente ao que se verifica nas construções com verdadeiras completivas nominais, as construções de formação de complexo verbal não admitem sujeitos de referência disjunta, nem permitem a ocorrência de infinitivo flexionado, como mostram os contrastes nos seguintes exemplos:

- (78) (a) * **Eu** não tinha esperança de **a Maria** encontrar o livro.
(b) **O João** não apreciou a ideia de **a Maria** fazer uma homenagem à mãe.
- (79) (a) * Eu não tinha esperança de **encontrarem** o livro.
(b) O João não apreciou a ideia de **fazerem** uma homenagem à mãe.

Com base nestas propriedades, pode afirmar-se que estes complexos verbais se comportam como predicados de controlo/elevação de sujeito.

Nesta perspectiva, as SC de (62)-(64) correspondem a casos regulares de SC a partir de completivas verbais temporalmente defectivas, seleccionadas por predicados de controlo/elevação de sujeito.

Os informantes que produziram as frases (63) e (64), junto dos quais pude testar alguns dados, são peremptórios nos seus juízos:

- (i) admitem SC a partir de completivas seleccionadas por complexos verbais, tais como *ter coragem*, *ter esperança*, *ter intenção*, *sentir necessidade*;
- (ii) não admitem SC a partir de verdadeiras completivas nominais;

Segundo a avaliação destes informantes, existem dois aspectos que parecem indicar que a formação de um complexo verbal (legitimador de SC) exige a absoluta adjacência entre o verbo e o nome que o constituem:

- (i) a impossibilidade de SC na presença de um determinante entre os dois elementos do predicado complexo;
- (ii) a impossibilidade de encliticização ao verbo superior²⁰.

Os informantes consultados formulam os seguintes juízos:

²⁰ O informante de (63) produz também SC a partir do complemento oracional de verbos transitivos de três lugares:

- (i) Passa-**me** todo o tempo a CHATEAR! (F-II-SUP-Lisboa-O-2003)
- (ii) Deitei fora as coisas que **me** passou a vida a OFERECER e que nunca me serviram para nada. (F-II-SUP-Lisboa-O-2004)

Neste caso, próclise e ênclise são possibilidades disponíveis. Não tenho, para já, uma explicação para estes dados.

- (80) Eu não **lhes** senti necessidade de CONTAR a verdade.
- (81) * Eu não **lhes** senti a necessidade de CONTAR a verdade.
- (82) * Eu senti-lhes necessidade de CONTAR a verdade.

Explorando outras potencialidades da mesma hipótese, e baseada ainda nos trabalhos de Leonetti (1999) e Bosque (1999), que testemunham a possibilidade de formação de complexos verbais entre verbos e adjectivos, proponho que as frases de (83)-(89) sejam também casos de SC a partir de completivas seleccionadas pelo complexo verbal *ser capaz*:

- (83) E eu, alguém **me era capaz** de CONVENCER disso! (Lavre, LVR23)
- (84) Ele ninguém **me era capaz** de ABRIR a cabeça para meter aquilo cá na cabeça dentro. (Lavre, LVR23)
- (85) Então eu alguém **me era capaz** de FAZER uma conversa dessas?! (Lavre, LVR23)
- (86) Alguém **me era capaz** de METER na cabeça que o plástico aguentava ali? (Lavre, LVR23)
- (87) Eu agora não **lhe sou capaz** de DIZER essa pergunta por isto... (Lavre, LVR25)
- (88) Ó pá, não **me és capaz** de ARRANJAR aí um cesto? (Lavre, LVR27)
- (89) É quando eles firmam o cu no chão que já **se não são capazes** de LEVANTAR. (Serpa, SRP33)

O complexo *ser capaz* exhibe algumas das propriedades dos complexos do tipo 'verbo+nome', nomeadamente em relação à legitimação de palavras negativas. Veja-se as diferentes possibilidades de interpretação do par (90)-(91), por um lado, e o contraste existente entre (92)-(93), por outro:

- (90) Eu fui capaz [de **não** fazer **nada**] (perante tamanha desgraça).
- (91) Eu **não** fui capaz [de fazer **nada**].
- (92) Eu estou desejoso [de **não** encontrar **ninguém**].
- (93) # Eu **não** estou desejoso [de encontrar **ninguém**].

Uma vez que todos os dados de SC com *ser capaz* são provenientes do *CORDIAL-SIN* não pude solicitar juízos aos informantes que os produziram. No entanto, os mesmo informantes que produzem SC com complexos verbais formados por verbo e nome, aceitam SC com *ser capaz* e, contrastivamente, não o admitem com *estar desejoso*:

- (94) Eu não **o fui capaz** de ENCONTRAR.
- (95) * Eu não **o** estou desejoso de ENCONTRAR.

Tal como acontecia anteriormente, também neste caso estes informantes não admitem encliticização ao verbo superior:

- (96) * Eu fui-o capaz de ENCONTRAR.

A coesão existente entre verbo e adjectivo nos contextos que permitem a formação de um complexo verbal é ainda confirmada pela impossibilidade da quebra da contiguidade entre os dois elementos em pares de pergunta/resposta ou em estruturas clivadas. Vejam-se os contrastes entre (97) e (98) e entre (99) e (100):

- (97) O que é que o João é?
*Capaz de escalar o Everest.
- (98) Como é que o João está?
Desejoso de escalar o Everest.
- (99) *É [capaz de escalar o Everest] que o Pedro é.
- (100) É [desejoso de encontrar a Maria] que o Pedro está.

b) SC a partir de completivas verbais negativas

A impossibilidade de SC a partir de domínios infinitivos negativos é uma propriedade bem conhecida, frequentemente descrita e explorada na vasta literatura acerca deste tema.

Retomando as propostas de análise apresentadas na secção 1.2., encontram-se as seguintes soluções para este facto:

- (i) As análises baseadas no carácter defectivo do domínio infinitivo (Martins 1995, 2000; Gonçalves 1998, 1999, 2000; Gonçalves e Duarte 2000, 2001), têm uma concepção implicacional e hierarquizada das projecções funcionais; nesta perspectiva, a projecção de NEG implica a projecção dos núcleos funcionais mais baixos na hierarquia (nomeadamente Agr e T). Assim, segundo A. M. Martins, uma vez que o domínio infinitivo integra o núcleo funcional relevante para a legitimação do clítico (Agr), deixa de haver motivação (e, portanto, em termos minimalistas, passa a haver impedimento) para que o clítico se mova. De acordo com A. Gonçalves e I. Duarte, uma vez que o domínio infinitivo contém T (pleno), não pode haver formação de Predicado Complexo Sintáctico, condição essencial para que se dê a SC.
- (ii) As análises *a la* Kayne (Kayne 1989; Terzi 1995) consideram a projecção NEG uma barreira à regência que, conseqüentemente, impede o movimento do clítico;

No âmbito destas propostas, e se nada mais fosse dito a este propósito, os dados de (101)-(103) não poderiam receber uma explicação:

- (101) É muito bom mas pode-se não gostar. (M-II-SUP-Lisboa-O-2003)
 (102) Vi-a mas podia-a não ter visto. (F-II-SUP-Porto-O-2004)
 (103) Pode-se pôr; pode-se não pôr. (M-II-SUP-Lisboa-O-2004)

Atentemos, no entanto, nas considerações de Duarte (Duarte *et alii* 2001; Duarte 2003b) sobre os padrões de colocação dos clíticos em infinitivas negativas.

Das várias particularidades de colocação de clíticos em infinitivas no PE, a aparente variação livre entre ênclise e próclise em infinitivas negativas não tem recebido grande atenção nos trabalhos sobre o assunto. I. Duarte, nas suas propostas mais recentes (Duarte *et alii* 2001 e Duarte 2003b), aborda, no entanto, esta questão e aponta soluções compatíveis com a SC em (101)-(103) ²¹.

Os dados considerados pela autora são do seguinte tipo:

- (104) Os meninos preferem [não **lhe** dar o livro].
 (105) Os meninos preferem [não dar-**lhe** o livro].

exemplos retirados/adaptados de Duarte 2003b

Segundo a sua análise, a dupla possibilidade de colocação do clítico em infinitivas negativas deve-se à natureza distinta do operador de negação nos dois casos:

- (i) nas frases com próclise, *não* é um marcador de negação frásica;
 (ii) nas frases com ênclise, *não* tem um estatuto quase afixal;

O marcador de negação frásica é um desencadeador de próclise e legítima palavras negativas. A negação quase afixal não desencadeia próclise (pelo que, segundo a autora, a ênclise é obrigatória) e não legitima palavras negativas. Corroboram esta hipótese dados como os seguintes:

- (106) * Os [não ouvintes] **a** usam.
 (107) * Os [não ouvintes] usam nenhuma língua.
 (108) Os meninos preferem não **lhe** dar nenhum livro.
 (109) * Os meninos preferem não dar-**lhe** nenhum livro.

exemplos retirados/adaptados de Duarte 2003b

Tomando em consideração esta proposta, é de prever que os falantes que dispõem de *não* quase afixal e que, conseqüentemente, admitam ênclise em infinitivas negativas possam

²¹ O último trabalho de Raposo e Uriagereka (no prelo) inclui os casos de colocação de clíticos em infinitivas e, concretamente, a variação entre ênclise e próclise em infinitivas negativas. No entanto, as soluções avançadas pelos autores não se coadunam com a hipótese de SC a partir destes domínios.

produzir SC nestes contextos, quer se defenda as análises baseadas na defectividade, quer se defenda as análises *a la* Kayne, uma vez que, em qualquer dos casos, o núcleo funcional NEG não é projectado neste contexto.

Esta hipótese é confirmada pelos juízos dos informantes que produziram as frases de (101)-(103):

- (i) O informante de (102) admite (e produz) o movimento de diferentes tipos de clíticos (clíticos objecto e *se*-nominativo) a partir de infinitivas negativas, seleccionadas por vários verbos de elevação e considera a ênclise a opção preferencial nos casos em que o clítico se mantém no domínio infinitivo, nos mesmos contextos; com verbos de controlo não admite SC a partir de infinitivas negativas e considera a próclise a opção preferencial nos casos em que o clítico se mantém no domínio infinitivo; em infinitivas com relação gramatical de sujeito, admite igualmente a ênclise e a próclise, sem mostrar preferência por uma das colocações (cf. Apêndice, pag. 31).
- (ii) O informante de (101) e (103) só admite subida de *se*-nominativo a partir de infinitivas negativas seleccionadas por verbos de elevação e admite ênclise (ainda que não preferencialmente) nos casos em que o clítico se mantém no domínio infinitivo, apenas no mesmo contexto (cf. Apêndice, pag. 31).

Deixando de lado as restrições relativas ao tipo de clítico movido e ao tipo de verbo matriz (para as quais não tenho, de momento, explicação), é notável a exacta coincidência existente, nos juízos destes informantes, entre os contextos que permitem SC e aqueles que permitem ênclise ao infinitivo.

3. Conclusões

Os dados apresentados e comentados nas secções anteriores permitem afirmar que as gramáticas dialectais/idioclectais observadas são generalizadamente mais permissivas, relativamente ao fenómeno de SC, do que a variedade *standard*. Este alto nível de 'tolerância' à SC reflecte-se nos seguintes factos:

- (i) elevado número de VSC pertencentes às classes sintácticas de controlo/elevação de sujeito;
- (ii) elevado número de atestações de SC nas construções que envolvem os verbos referidos no ponto anterior (opção claramente preferencial pela estratégia de SC relativamente à manutenção do clítico no interior do domínio não-finito);
- (iii) existência de VSC entre as classes dos verbos impessoais e dos verbos de controlo pelo objecto;
- (iv) ocorrência de SC objecto em construções ECM;
- (v) ocorrência de SC em construções de formação de complexos verbais entre verbo e nome ou verbo e adjectivo;
- (vi) ocorrência de SC a partir de domínios não-finitos negativos.

À excepção dos casos particulares e pouco expressivos de SC com verbos impessoais e com verbos de controlo pelo objecto, as variedades consideradas aproximam-se da variedade *standard* no que diz respeito às propriedades das construções em que a SC opera:

- (i) configurações de co-referência entre o sujeito matriz e o sujeito da infinitiva (estruturas de controlo/elevação);
- (ii) configurações de selecção de domínios não-finitos funcionalmente deficitários (pelo menos relativamente a traços temporais).

4. Apêndice

F-II-SUP-Porto (informante da frase do exemplo 102)

A. O João voltou a não cumprir o prazo.

O João voltou-o a não cumprir.	✓	
O João voltou a não o cumprir.	✓	
O João voltou a não cumpri-lo.	✓	◀

B. O João pode não entregar o relatório ao director pois tem sempre o lugar garantido.

O João pode-lhe não entregar o relatório pois tem sempre o lugar garantido.	✓	
O João pode não lhe entregar o relatório pois tem sempre o lugar garantido.	✓	
O João pode não entregar-lhe o relatório pois tem sempre o lugar garantido.	✓	◀

C.

Pode-se não gostar de Rachmaninov mas considerá-lo um bom pianista.	✓	
Pode não se gostar de Rachmaninov mas considerá-lo um bom pianista.	✓	
Pode não gostar-se de Rachmaninov mas considerá-lo um bom pianista.	✓	◀

D. O João tentou não enganar a Maria enquanto isso lhe foi possível.

O João tentou-a não enganar enquanto isso lhe foi possível.	*	
O João tentou não a enganar enquanto isso lhe foi possível.	✓	◀
O João tentou não enganá-la enquanto isso lhe foi possível.	✓	

E. Não convidar a Maria para a nossa festa seria uma boa ideia

Não convidá-la para a nossa festa seria uma boa ideia.	✓	◀
Não a convidar para a nossa festa seria uma boa ideia.	✓	◀

M-II-SUP-Lisboa (informante das frases dos exemplos 101 e 103)

A. O João voltou a não cumprir o prazo.

O João voltou-o a não cumprir.	*	
O João voltou a não o cumprir.	✓	
O João voltou a não cumpri-lo.	*	

B. O João pode não entregar o relatório ao director pois tem sempre o lugar garantido.

O João pode-lhe não entregar o relatório pois tem sempre o lugar garantido.	*	
O João pode não lhe entregar o relatório pois tem sempre o lugar garantido.	✓	
O João pode não entregar-lhe o relatório pois tem sempre o lugar garantido.	*	

C.

Pode-se não gostar de Rachmaninov mas considerá-lo um bom pianista.	✓	
Pode não se gostar de Rachmaninov mas considerá-lo um bom pianista.	✓	◀
Pode não gostar-se de Rachmaninov mas considerá-lo um bom pianista.	✓	

D. O João tentou não enganar a Maria enquanto isso lhe foi possível.

O João tentou-a não enganar enquanto isso lhe foi possível.	*	
O João tentou não a enganar enquanto isso lhe foi possível.	✓	
O João tentou não enganá-la enquanto isso lhe foi possível.	*	

E. Não convidar a Maria para a nossa festa seria uma boa ideia

Não convidá-la para a nossa festa seria uma boa ideia.	*	
Não a convidar para a nossa festa seria uma boa ideia.	✓	

A opção preferencial é assinalada pelo símbolo ◀

5. Referências

- Benincà, P. & L. Vanelli 1982. "Appunti di sintassi veneta." In Cortelazzo (org.). *Guida ai Dialetti Veneti 4*. Padova: Cleup. 7-38.
- Benincà, P. & L. Vanelli 1984. "Italiano, veneto, friulano: fenomeni sintattici a confronto." In *Rivista Italiana di Dialettologia VIII*: 165-194.
- Bosque, I. 1999. "El sintagma adjectival. Modificadores y complementos del adjetivo. Adjetivo y participio." In Bosque & Demonte (dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 218-310
- Burzio, L. 1986. *Italian Syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- Chomsky, N. 1986. *Barriers*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- CORDIAL-SIN: *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica*
www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projecto_cordialsin/html
- Corver, N., H. van Riemsdijk (eds.) 2001. *Semi-lexical Categories*. Berlim/Newyork: Mouton de Gruyter.
- Costa, J., I. Duarte 2000. "Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português." In *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL. 627-638.
- Duarte, I. 2003a. "Subordinação completiva – as orações completivas." In M. H. Mateus *et alii* (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. 847-867.
- Duarte, I. 2003b. "Padrões de colocação dos pronomes clíticos." In M. H. Mateus *et alii* (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. 847-867.
- Duarte, I., G. Matos, A. Gonçalves & I. Ribeiro 2001. "Clíticos Especiais em Português Europeu e Brasileiro." Comunicação apresentada no 2º workshop do projecto *Português Europeu e Português Brasileiro – Unidade e Diversidade na Viragem do Milénio*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará.
- Dubinsky, S., K. Williams 1995. "Recategorization of Prepositions as Complementizers: The Case of Temporal Prepositions in English." In *Linguistic Inquiry*, 26-1: 125-137.
- Emonds, J. 1985. *A Unified Theory of Syntactic Categories*. Dordrecht: Foris.
- Giannakidou, A. & J. Quer 1997. "Long-distance licensing of negative indefinites." In Forget *et alii* (eds.). *Negation and Polarity*. Amsterdam: John Benjamins. 95-113.
- Gonçalves, A. 1998. "Minimizando a estrutura sintáctica dos complementos infinitivos com predicados complexos verbais do português europeu." In *Actas do XIV Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL. 569-586.
- Gonçalves, A. 1999. *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A. 2000. "Predicados complexos com verbos causativos e perceptivos do português europeu". In *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL. 227-239.
- Gonçalves, A., I. Duarte 2000. "Construções causativas em português europeu e português brasileiro." In *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL. 657-671.
- Gonçalves, A., I. Duarte 2001. "Construções de subordinação temporalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em Português Europeu e em Português Brasileiro." In *Actas do XII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL. 161-173.
- Kayne, R. 1975. *French Syntax. The Transformational Cycle*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Kayne, R. 1989. "Null subjects and clitic climbing." In Jaeggli & Safir (orgs.). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 239-261.

- Kayne, R. 1994. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Leonetti, M. 1999. "La subordinación sustantiva: las subordinadas enunciativas en los complementos nominales." In Bosque & Demonte (dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. 2084-2104.
- Luján, M. 1980. "Clitic promotion and mood in Spanish verbal complements." In *Linguistics*, 18: 381-484.
- Martins, A. M. 1995. "A minimalist approach to clitic climbing." In *Proceedings of CLS 31: Parasession on Clitics*. Stanford University. 215-233.
- Martins, A. M. 2000. "A Minimalist Approach to Clitic Climbing." In Costa (org.) 2000. *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press. 169-190.
- Martins, A. M. no prelo. "Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese." In Arteaga & Gess (eds.). *Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Matos, G 2001. "Negative concord and the minimalist approach." In Hulst *et alii* (orgs.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins. 245-280.
- Napoli D. J. 1981. "Semantic Interpretation vs Lexical Governance: Clitic Climbing in Italian", in *Language*, 57: 841-887.
- Pollock, J-V. 1989. "Verb movement, universal grammar and the structure of IP." In *Linguistic Inquiry*, 20-3: 365-424.
- Raposo, E. P. 1981. *A Construção União de Orações na Gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de letras da Universidade de Lisboa.
- Raposo, E. P. & J. Uriagereka no prelo. "Clitic Placement in Western Iberian: A Minimalist View." In G. Cinque & R. Kayne (orgs.). *Handbook of Comparative Syntax*. Oxford: Oxford University Press.
- Rizzi, L. 1978. "A restructuring rule in Italian syntax." In Keyser (org.). *Recent Transformational Studies in European Languages*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Rizzi, L. 1982. *Issues in Italian Syntax*. Foris: Dordrecht.
- Renzi, L. & L. Vanelli 1983. "I clitici soggetto in alcune varietà romanze." *Studi linguistici in onore di Giovan Battista Pellegrini*. Pisa: Pacini. 121-145.
- Ross, J. 1967. *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de Ph.D., MIT. Bloomington, Indiana: University Linguistics Club Publication.
- Terzi, A. 1992. *PRO in Finite Clauses. A Study of the Inflectional Heads of the Balkan Languages*. Dissertação de Doutoramento, CUNY Graduate Center.
- Terzi, A. 1994. "Clitic climbing from finite clauses and long head movement." In *Catalan Working Papers in Linguistics* 3. 97-122.
- Terzi, A. 1995. *Two types of clitic climbing from finite clauses*. ms. CUNY/Rutgers.